



OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger  
Cazotto. **Experiência e hermenêutica pentecostal**: reflexões  
e propostas para a construção de uma identidade teológica.  
Rio de Janeiro: CPAD, 2018.  
ISBN: 978-85-2631-728-4

Alonso de Souza Gonçalves\*

Os pentecostais vêm se notabilizando no campo religioso brasileiro como um grupo heterogêneo e dinâmico, abarcando inúmeras expressões religiosas e denominações. Como sabemos, é o segmento do cristianismo latino-americano que mais cresce e a tendência, segundo pesquisadores, é que esse crescimento continue sendo vertiginoso. Além disso, a demanda por orientação teológica é perceptível, não por acaso que a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) é uma das maiores editoras da América Latina, produzindo e distribuindo literatura para as Escolas Dominicais, bem como abastecendo a linha editorial de tradição pentecostal.

Na preparação teológica, o pentecostalismo clássico, ou histórico, como ficou conhecido para diferenciar de outras facetas do movimento pentecostal, focou nos “institutos bíblicos”, com o propósito de preparar obreiros para as igrejas que se multiplicam. A leitura bíblica é canalizada na sua praticidade, com o objetivo de fornecer aos membros das igrejas uma relação com o texto bíblico que contemple as questões que envolvem as comunidades, principalmente nas periferias das grandes cidades do país. Ainda que a preparação teológica dos pentecostais nos

---

Resenha recebida em 31 de julho de 2019 e aprovada em 07 de outubro de 2019.

\* Doutor em Ciências da Religião. Professor colaborador na UMESP. País de origem: Brasil. E-mail: alonso3134@hotmail.com

institutos bíblicos não tenha expressividade acadêmica – algo distinto do protestantismo histórico e seus centros universitários –, há um crescente número de pentecostais com formação universitária nos mais reconhecidos centros teológicos do país e fora dele. Os pesquisadores pentecostais estão propondo novas leituras e elaborando teologias que acompanhe os rumos das pesquisas recentes em ciências humanas. É nesse sentido que recebemos a obra *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica* dos autores David M. de Oliveira e Kenner R. C. Terra – ambos professores de pós-graduação na Faculdade Unida de Vitória (Espírito Santo). Os autores são pesquisadores em teologia e ciências da religião, mas também são pastores. David é pastor da Igreja Assembleia de Deus e Kenner, que conheceu o evangelho na Igreja Assembleia de Deus, mas hoje exerce o seu ministério pastoral na Igreja Batista. Ambos comprometidos com a tradição pentecostal e desejosos em colher frutos de uma identidade teológica pentecostal no país. Essas razões justificam a escrita dessa obra.

A obra que passamos a resenhar, está dividida em dez capítulos. Os capítulos 1, 2 e 3 são teóricos, fazendo apontamentos metodológicos no campo da hermenêutica e da linguagem. Os capítulos 4, 5, 6 e 7, tratam da relação entre pentecostalismo e Reforma protestante, buscando convergências, principalmente com a ala que ficou conhecida como Reforma radical. Os capítulos 8 e 9, procura pensar algumas práticas no âmbito pastoral e missionário. O último capítulo, o 10, é um exercício exegético em Atos 2, tratando do êxtase no cristianismo primitivo. Embora a obra não tenha uma divisão em partes, a primeira parte (teórica e metodológica) seria os capítulos 1, 2, 3 e 10 (por ser um exercício exegético a partir do método proposto no capítulo 2). A segunda parte, dedicada a pensar a Reforma protestante e sua relação com o pentecostalismo, capítulos 4, 5, 6 e 7. A terceira parte, apontamentos práticos em torno de temas comuns ao universo pentecostal, como a pastoral e a missão, capítulos 8 e 9. Por se tratar de uma obra que reúne artigos publicados em revistas acadêmicas, a obra se configurou como uma coletânea de textos que, a rigor, não atentou para a coesão do título proposto, “Experiência e hermenêutica pentecostal”. Assim, os capítulos 8 e 9 ficaram

deslocados do conjunto da obra, por estarem distantes do objetivo do texto apresentado na introdução e na conclusão pelos autores.

Os autores estão convictos de que na teologia pentecostal, a experiência ainda não tem um lugar de destaque, obviamente no aspecto acadêmico, porque no aspecto litúrgico a experiência, o êxtase e o transe fazem parte das celebrações nas diferentes comunidades pentecostais há mais de 100 anos no país. Para os autores, na teologia pentecostal a experiência deveria ser a principal ferramenta hermenêutica de acesso ao texto bíblico, mas não é isso que ocorre. Em pesquisa recente, Carlos Cunha verificou que a hermenêutica pentecostal, de maneira majoritária, se dá a partir do método histórico-gramatical (CUNHA, 2016). É possível verificar também que nas teologias sistemáticas produzidas por autores pentecostais, o método histórico-gramatical é o condutor da reflexão teológica. Além disso, são dependentes de autores com alinhamento teológico reformado, tanto dentro do país como fora. Por isso que Oliveira e Terra alertam para essa característica da teologia produzida por pentecostais que são, notadamente, dogmáticas em sua essência. Uma rápida observação em manuais teológicos de editoras pentecostais, há uma inegável ausência de uma hermenêutica que privilegia a experiência e o êxtase, ainda que vivenciado nas celebrações pentecostais, não é mencionado ou tratado teologicamente, cabendo, inclusive, uma conotação pejorativa. Por isso, os autores, Oliveira e Terra, estão dispostos a levar até as “últimas consequências a importância da experiência” (p. 17). Ainda que o tema da experiência não seja novo na produção teológica (Paul Tillich (1985) e Jürgen Moltmann (2004), por exemplo, valorizam a experiência como chave hermenêutica), a filosofia tem feito da experiência um lugar epistemológico para o conhecimento. As ciências da religião, principalmente na fenomenologia, olharam para a experiência como um lugar privilegiado da presença do *sagrado*. Por essa razão, que os autores sugerem um “rompimento discreto ou apenas aparente com perspectivas teológicas que relegam as experiências carismáticas a um saber menor” (p. 18). Nesse sentido, os autores frisam que a prioridade é a experiência, o êxtase e a leitura narrativa da Bíblia que a tradição pentecostal comporta. Para os autores, a tradição pentecostal agrega condições teológicas para forjar a própria

identidade teológica. Ainda que não haja desprezo por outras vertentes teológicas do protestantismo, os autores reconhecem que há um risco de “neocalvinização do pentecostalismo” (p. 19), e isso não é salutar, uma vez que a tradição pentecostal tem como evidência outras categorias para fomentar sua própria teologia.

Os autores estão propondo meios, ferramentas que dê conta de uma demanda no universo pentecostal. Uma dessas ferramentas é o êxtase como chave para uma hermenêutica pentecostal. A partir de uma leitura bíblica que valoriza o leitor, o êxtase torna-se o eixo em que o leitor pentecostal acessa o texto bíblico, uma vez que na perceptiva pentecostal, “o sentido é também uma construção e diálogo entre texto e leitor” (p. 42-43). Logo, as narrativas bíblicas, que são oriundas de experiências a partir do Espírito e traduzidas em linguagem, são acionadas pela comunidade pentecostal a partir da experiência da própria comunidade (p. 44). Os autores frisam que o êxtase é diferente do transe. Enquanto este último pode alterar as faculdades cognitivas e suspender a consciência, o êxtase “não retira o religioso da realidade, ele não tira a vigilância” (p. 48). Assim, o êxtase dá a “possibilidade de ação no mundo pela tomada do Espírito” (p. 48).

Num segundo momento, (capítulo 2 e 3), o aspecto teórico da linguagem é tratado. Partindo de teóricos da linguagem e a pesquisa em torno da semiótica da cultura de vertente russa, representada por I. Lótman, há uma instigante discussão quanto ao acesso à cultura, memória e texto. O lugar do leitor é acentuado, uma vez que o texto (aqui o bíblico) é um fenômeno que está em diálogo com a comunidade. Logo, a narratologia é o método mais indicada para se ler o texto, uma vez que as narrativas servem de modelo para a experiência pentecostal (p. 80). Dito isso, a leitura pentecostal é dramatizada (*performance*). Para os autores, a leitura pentecostal da Bíblia é performática, porque assume “relações criadoras entre autor-texto-leitor da Bíblia por meio do êxtase” (p. 103).

Na segunda parte da obra, a discussão é centrada na relação Espírito Santo, Reforma e pentecostalismo. Os autores observam a história da Igreja e as reformas, procurando convergências com o movimento pentecostal. Com isso, veem na

Reforma radical convergências com o pentecostalismo, principalmente na figura de Thomas Müntzer e outros antes dele que procuraram reformar a Igreja de suas incoerências em relação à Bíblia. A pretensão é ver nos pentecostais de hoje ecos da Reforma radical (p. 150).

É possível reconhecer que a obra se constitui como uma agradável surpresa na reflexão teológica pentecostal. A editora que publica o texto, a CPAD, não tem nada parecido em sua linha editorial. Os autores brasileiros que produzem teologia pentecostal, não escreveram, até o momento, algo que tratasse da experiência e do êxtase como eixos centrais para uma hermenêutica pentecostal. Nesse sentido, a obra se estabelece com um certo ineditismo. Ainda que o tema seja amplamente debatido no contexto acadêmico, o grande público pentecostal não tinha, até agora, acesso a uma reflexão teológica que tratasse da linguagem extática como lugar hermenêutico.

Sabemos que o êxtase e até mesmo a fala em línguas desconhecidas, não é um fenômeno tipicamente do universo pentecostal. Outras expressões religiosas fazem uso de semelhantes práticas. No caso do pentecostalismo brasileiro, o êxtase, ainda que essa palavra-conceito não esteja no cotidiano das comunidades, não está muito claro o seu lugar, ainda que os autores acentuem que “o êxtase não é tratado como uma experiência em determinado momento, mas é a maneira como habita a realidade” (p. 48). Essa assertiva precisaria de maior comprovação, uma vez que na celebração de uma comunidade pentecostal, a experiência do Espírito Santo e, em consequência o êxtase, funciona como *catarse* também. Nas periferias das grandes cidades, é uma maneira de fugir da realidade social marcada pela marginalização e repressão. O êxtase seria uma oportunidade de resgatar um certo *status* social ainda que seja por alguns momentos na comunidade de fé (MENDONÇA, 1984, p. 9-20). Além disso, sabemos que impera nas comunidades pentecostais a valorização da experiência de êxtase como falar em línguas e profetizar. Nesse caso, há pessoas que não são parte da liderança da igreja e exercem um certo domínio nos demais participantes por manipular essas habilidades performáticas. Os autores reconhecem que até hoje nas comunidades pentecostais, não pode se

tornar um líder se não houver “provas” dele ter tido “momentos extáticos” (p. 33). Esse dado deixa transparecer que há uma certa tutela por parte da liderança em não deixar que haja a manifestação extática de forma desimpedida ao ponto de sobressair uma *performance* que implique na legitimidade da liderança constituída na comunidade.

A hermenêutica pentecostal ainda precisa de formulações que deem conta da sua demanda, a experiência. Por isso, “o desafio, então, é acessar, articular, compreender e aplicar metodologias interpretativas mais adequadas à valorização da experiência” (p. 200-201). Os autores lançam o desafio, na esperança de que sejam possíveis novas reflexões para se pensar a hermenêutica pentecostal.

## REFERÊNCIAS

- CUNHA, Carlos. **Hermenêutica bíblica libertadora**: encontro entre católicos e pentecostais. São Paulo: Garimpo, 2016.
- MENDONÇA, Antônio G. A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa *et al.* **Religiosidade popular e misticismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 9-20.
- MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.